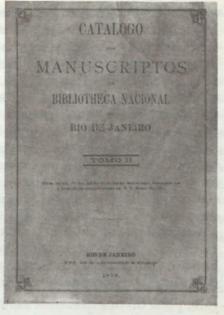
e respeito da terra que lhe tinha sido ingrata. Bem diferente da sua avó, a Rainha Dona Carlota Joaquina, que, ao chegar a Lisboa, bateu as suas sandálias, gritando que do Brasil nada queria, nem o pó que trazia em suas solas. Já lhe bastavam o ouro, as pedras preciosas, as madeiras finas, o açúcar, o algodão e as libras esterlinas tomadas de empréstimo pelo Brasil para pagar contas de Portugal.

Ao partir, D. Pedro II doou à Biblioteca Nacional o que ele tinha de mais caro: a sua riquíssima coleção de li-



vros, fascículos, folhetos, revistas, estampas, partituras musicais, fotografias, mapas, manuscritos, mais de 48 mil volumes encadernados, sem contar as brochuras. Sua única exigência foi que essa coleção não fosse dispersada e recebesse o nome de *Coleção Teresa Cristina Maria*, em honra de nossa última Imperatriz, sua esposa. Foi a maior doação que a Biblioteca já recebeu e o seu valor cultural é inestimável. D. Pedro II, além de grande leitor e colecionador de livros, era um amador entusiasta da fotografia, a mais nova invenção da época. Colecionava fotos e negativos que ele mesmo tirava e recebia fotos e negativos dos amigos e dos mais famosos fotógrafos estrangeiros que vinham ao Brasil, as mais das vezes a seu convite. Tudo foi doado à Biblioteca. O velho monarca quase nada levou consigo. Nessas fotos está contada a história da própria arte fotográfica e também todo um período da história do Brasil e do mundo<sup>31</sup>.

Mas, como dizíamos, a República tinha sido proclamada. E alguma coisa tinha de ser mexida, na Biblioteca, para que o evento ficasse marcado. O primeiro administrador da Biblioteca teve mudado o nome do seu cargo: em vez de Bibliotecário, passou a ser chamado de Diretor. Parece ter sido um dos poucos